

Após ameaça de Júnia crise em MG é contornada

A vice-governadora de Minas, Júnia Marise, conseguiu atrair as atenções do candidato Fernando Collor, de seu vice, Itamar Franco e do líder do PRN, Renan Calheiros, ao ameaçar sair da campanha "fazendo barulho". Finalmente ontem o seu protesto foi contido, depois que Itamar e o deputado Raul Belém tornaram pública a informação de que a coordenação continuará sendo dela, e não de Belém, como disseram na terça-feira. Eles se reuniram durante 40 minutos com Collor, tranquilizando-o com relação à situação em Minas.

"Vamos ampliar e descentralizar a campanha e que ninguém tente estreitar este projeto", apregoeou o candidato.

Raul Belém atribui à "confusão" ao fato de Júnia ter chegado atrasada à reunião da segunda-feira, quando os coordenadores decidiram descentralizar todo o trabalho nos estados. Ele e Itamar temem que a preferência ao candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, na capital e na grande Belo Horizonte — onde Collor foi o primeiro colocado apenas em Lagoa Santa, cuja prefeitura é ocupada pelo prefeito collorido Genesco Aparecido, se repita no segundo turno.

"Centralizar a eleição é morrer", afirma Belém, que se diz disposto a caminhar "de rosto colado" com Júnia, embora não tenha argumentos para o fato de ela atrapalhar Collor pela proximidade com o governador Newton Cardoso.

A campanha em Minas será intensificada no mesmo nível dos estados onde Collor não ficou à frente, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Distrito Federal. Pesou a condição do segundo maior colégio eleitoral do Estado, com 8,5 milhões de votos, e a origem do vice Itamar Franco, cuja escolha levou em conta justamente a investida no Estado.

A vice-governadora Júnia Marise, embora coordenadora da campanha de Collor, em Minas, continua sendo integrante do PMDB, mesmo partido do governador Newton Cardoso, com o qual está rompido.